



## DANDO NÓ NA LÍNGUA

Por Mirna Pinsky



Aí vão, grosso modo, meus pressupostos/percurso para alcançar e envolver o destinatário deste texto. Concatenei ideias com intuições de vivência com crianças de várias gerações e criação de textos destinados a elas. O estopim foi a leitura, depois de Stanislas Dehaene, de PROUST AND THE SQUID, de Maryanne Wolf (não traduzido ainda para o português).

Para preparar um futuro leitor, a coisa deve começar muito cedo, antes mesmo de entrar no chamado INFANTIL, ou JARDIM DA INFÂNCIA, ou como quer que se conheça hoje a fase escolar em que antigamente a criança se preparava pro “Primário”. Nesse momento a criança já entende uma porção de coisas. Às vezes (raramente) já pronuncia palavras ou pelo menos já faz a ligação entre o nome (objeto) e um som. Foi um avanço: “a girafinha que dorme com ela no berço é *gigi*. O irmão é o *Tatá*.” Ela atribuiu um som, criado a partir do som que o adulto deu ao objeto ou ao nome do irmão.

Embora ela continue escutando o adulto e entenda frases e sentenças, não é capaz de pronunciá-las. Os circuitos para isso vão se formar e ampliar pela recorrência, e pelo seu amadurecimento como ser humano. É um longo percurso.

Assim, pensei *Dando nó na língua* como algo que estimulasse a apropriação paulatina dos sons, pela quebra das palavras em fonemas via aliteração, e em que a musicalidade da rima mantivesse a ligação do pequeno leitor com a história. Aliterações e rimas fortalecem o vínculo da criança com o que está ouvindo (ou lendo) e ajudam a avançar o processo de aprendizado da leitura.

O alfabeto é o ponto de partida. Restringi-me a 17 sons básicos das consoantes, deixando de lado signos que são repetições ou muito próximos (K, W, Y) e aglutinando signos que ganham dois ou mais sons na nossa língua (QU e C; S e C). O que importa é o som, a grafia é decorrência.

Segundo M. Wolf, a conscientização da criança em relação a distintos sons e fonemas numa palavra não é apenas um componente decisivo, é um facilitador de leitura e da escrita. Ao investir nas aliterações e rimas, buscando sempre permanecer dentro do universo vocabular e de situações familiares a crianças de primeira infância, procurei manter a coerência. Nesta ordem: primeiro, a coerência nas três linhas do texto de cada passagem/página; segundo, uma ligação que fizesse sentido com o todo da história. Nem sempre consegui me desincumbir desses desafios com a mesma felicidade, e conto com a ilustração para aplainar essas limitações. Meu plano, ao adotar o self-publishing, foi trabalhar em estreito contato com o artista gráfico.

O público para este livro vai de 1 ano e meio a 6 anos. Tenho consciência de que a criança menor não “lê” detalhes/insinuações das imagens como já pode fazer uma de 5. Para as menores, imagino uma leitura dramatizada que pode se restringir a uma ou duas letras, que valorize modulações de interrogação, a surpresa e acentue as pausas, buscando transmitir humor e musicalidade.